

# V Á R I A

## CONTABILIDADE DUM MERCADOR DE MOEDAS E MEDALHAS EM 1875-1879

Da palestra proferida pelo associado, Ex.<sup>mo</sup> Snr. António Pinto de Souza, em 24-1-954.

No manusear curioso de muitas publicações numismáticas: livros, catálogos, tratados, etc., que um amigo gentilmente lhe tem facultado, deparou o autor com um pequeno livro de papel almaço azul, pautado e com marca a água da Fábrica «Almasso Alenquer», que representa a contabilidade de um negociante de moedas e medalhas antigas para colecção. Começou a ser escriturado em 16 de Fevereiro de 1875, tendo o último lançamento a data de 1 de Julho de 1879.

Posto que não mencione os nomes dos indivíduos com quem foram efectuadas as transacções — a não ser em dois lançamentos — há nele tantas esplêndidas moedas portuguesas referidas e preços tão curiosos de compras e vendas, que não se pode deixar de lhe atribuir o maior interesse.

Os únicos nomes de compradores que constam desta escrita são os de *EL-REI D. Luís I* e do *Snr. Couvreur*, nas seguintes referências:

«EL REI, de 5 medalhas, sendo uma de cobre  
e 4 de prata—pagou 135.000 reis.»

«COUVREUR deve: de 500 reais de D. Henrique, S. Vicente  
de D. Sebastião, dito de D. João 3.<sup>o</sup>-pg. 99.000 reis»  
(a palavra Deve e o preço estão riscados).

E pergunta então o Snr. Pinto de Souza: Este Senhor *Couvreur* não será Jaime Agnelo da Silva Couvreur, pai do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Engenheiro Raul da Costa Couvreur, nosso ilustre consócio?

Referentemente a uma moeda de 10.000 réis de D. Pedro V, que figura com 45.000 réis de preço de compra e com 72.000 réis de preço

de venda, pergunta também o autor se não se estará em presença do exemplar a que Teixeira de Aragão se refere a pg. 212 do 2.º volume da sua «Descrição Geral e Histórica das Moedas...» e que serviu para desenhar moedas n.º 1 de D. Pedro V — Est. LVIII?

Não será este o *ensaio* que hoje existe no Museu Numismático Português?

O autor cita também uma outra indicação, referente a um «*Real e meio de D. Pedro II—1681-1682—4000 reis*» dizendo respeito, sem dúvida nenhuma, à moeda de cobre de D. Pedro Príncipe, considerada *ensaio*, mas de que só se conhece — segundo crê — a data 1862.

A comunicação foi acrescentada e terminou com uma relação das transacções de maior interesse contidas no livro, da qual se destacam aqui as seguintes:

<i>Justo</i> , de D. João II —	comprado por 45.000 réis, vendido por 54.000 réis.
<i>Meio justo</i> , » —	comprado por 9.000 réis, vendido por 27.000 réis.
<i>Português</i> , de D. Manuel —	58.000 réis.
<i>2 cruzados</i> , » —	5.000 réis.
<i>Engenhoso</i> , de D. Sebastião —	45.000 réis.
<i>Quatro cruzados</i> , de D. João IV —	comp. por 13.000 réis, vend. por 22.000 réis.
<i>Meia peça</i> , de D. João V —	comprado por 22.000 vendido por 36.000.
<i>Peça e meia peça</i> , de D. Miguel (p. p. d.) —	15.000 réis.
<i>Meio real</i> em prata, de D. Fernando —	17.000 réis.
<i>Meio tornês</i> , Çamora, de D. Fernando —	9.000 réis.
<i>Pinto</i> , de D. António —	comprado por 13.000, vendido por 18.000 réis.
<i>Meio pinto</i> , de D. António —	1.000 réis.
<i>Meio cruzado</i> , 1681, de D. Pedro, Príncipe —	2.000 réis.

#### « MAIS UMA MOEDA SEM LEI » ...

Da comunicação apresentada pelo associado, Ex.<sup>mo</sup> Snr. Carlos Fernando de Sousa Santos, em 5-11-954.

É significativa, para o geral interesse que no nosso meio associativo tem despertado estas palestras, a variedade dos assuntos escolhidos pelos conferentes, que tentam algumas vezes reivindicar para a numismática um lugar de primacial importância lógica.

Certos temas versados despertam imediatamente nalguns dos assistentes o espírito de contradita, que dá muito interesse à comunicação, obrigando o seu autor a desenvolver ou corrigir o seu pensamento.

Por outro lado, os participantes nesta difusão numismática têm a maior liberdade na escolha e desenvolvimento dos assuntos a tratar, que apenas necessitam de ter qualquer ligação próxima ou remota com os objectivos da S. P. N..

Pelo assunto que se sabia ir ser tratado, o trabalho do nosso confrade despertou grande interesse entre os consócios portuenses, que acorreram em elevado número à sessão.

Carlos Santos, que no campo da investigação numismática se tem mostrado com qualidades muito apreciáveis, bordou desta vez as suas considerações sobre uma moeda de prata que adquiriu recentemente — um cruzado novo de D. José I, de 1766, cujos módulo e peso são inferiores ao que deviam ser.

Estas duas características, peso e módulo, são o *fundo* do seu bastante desenvolvido estudo.

Começa por notar que no Catálogo Ferraro Vaz há indicações referentes à desigualdade de módulos nos cruzados novos de D. Maria I e D. João Regente, o mesmo não acontecendo com os de D. José I. Por outro lado, naquela obra nada se diz acerca da diversidade de pesos nas mesmas moedas, salvo na *Introdução*, quando se trata o cálculo do valor intrínseco.

Subentendendo-se que o peso é função do tamanho, (o que pode não suceder, se fizermos variar a espessura) devem os cruzados novos de módulo menor ter pesos inferiores ao peso legal. É exactamente isso que se verificou e, portanto, está-se em presença duma anomalia na cunhagem, ou seja, dum fabrico contrário à lei que o determina — moedas de valor intrínseco inferior ao estabelecido.

Em estudo comparativo, passa depois a indicar outros cruzados novos, de D. Maria I e de D. João Regente, existentes na sua colecção ou na de outros confrades, que se apresentam também com módulos inferiores aos normais e com pesos que chegam a diferir de cerca de 10 % do legal.

Os cruzados novos destes reinados têm 294 grãos e  $\frac{114}{125}$  de peso, sendo lavrados à razão de 7.500 réis o marco.

O seu peso em gramas é, pois, de 14,68.

O peso do cruzado novo de 1766, em questão, é presentemente de 13,2 grs. Dando-lhe para desgaste 0,38 grs., ficará para peso de fabrico, 13,58 grs., ou seja, 1,1 grs. de diferença para menos.

A diferença dos diâmetros entre esta moeda e a normal é de 1,6 m/m.

Por último o autor procura uma explicação para a anomalia da cunhagem destas moedas.

Regeita a hipótese de se tratar de falsificações, porque, além de lhe parecerem verdadeiras as moedas examinadas (por todas as restantes características), não vê vantagem compensadora para o falsificador em tirar 1,1 grs. de prata em cada cruzado novo.

Não pode admitir que tenha havido o propósito de fabrico deficitário em peso de prata para dar lucro à Casa da Moeda porque, além do mais, isso era contrário às medidas tomadas na época para recolha do numerário gasto pelo uso (Vide Registo Geral, Livro VIII, do Arquivo da Casa da Moeda, 1751).

Não vê outra explicação que não seja a de um possível engano na confecção de cunhos, breve substituídos, mas admite que possa haver outra ou outras de mais fundamento.

O trabalho é terminado com a afirmação de que o seu mérito está apenas em ter revelado a existência, no reinado de José I, dum cruzado novo de módulo e peso anormais, semelhantemente ao acontecido nos dois reinados subsequentes.

## A MEDALHÍSTICA E A NUMISMÁTICA

Assunto da palestra proferida em 26-3-1954 pelo consócio Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. António Francisco Teixeira.

A medalhística, entendida como o interesse pela colecção de medalhas, pode considerar-se como um ramo, perfeitamente diferenciado, da numismática, com características e aspectos próprios.

Não só naquilo que exprime, a medalha se distingue da moeda. Diversas são as finalidades de uma e outra, o que imprime naturalmente uma diversidade de concepções na sua execução.

Se à moeda importa essencialmente o momento da sua emissão e o valor que representa, para a medalha há que atender sobretudo à sua feição artística, identificada com o facto a consagrar.

Assim, poderemos talvez dizer em resumo: se uma moeda pode definir uma época, uma medalha define sempre um determinado acontecimento.

Se é certo que o culto pela colecção de medalhas nunca logrou alcançar, ou pelo menos não alcançou ainda, o mesmo grau de curiosi-

dade e de atenção que aos coleccionadores têm merecido outras espécies numárias, o fenómeno, como tradução de desinteresse, parece-me mais aparente que real e tem que attribuir-se, entre outras razões, às seguintes:

- a) O carácter reservado e privativo de inúmeras medalhas cunhadas ;
- b) A pouca frequência das suas emissões ;
- c) O elevado custo de muitas medalhas em relação com outros numismas.

Efectivamente, não raro acontece que a emissão de uma medalha, da iniciativa de determinada entidade, seja desconhecida mesmo dos que por estes assuntos se interessam e casos há em que o número de exemplares cunhados se limita ao dos elementos que promoveram a emissão.

Nestas circunstâncias, justifica-se, de certo modo, que o interesse pela medalhística se não tenha desenvolvido e fomentado, na mesma medida pelo menos doutras modalidades.

No entanto, a medalha oferece à curiosidade dos investigadores largos elementos de estudo e desempenha, ao mesmo tempo, um meio de cultura artística que julgo necessário pôr em relevo.

Cunhadas, por via de regra, como consagração de determinado facto ou acontecimento histórico, ou então para perpetuar a memória de vultos eminentes, permite talvez mais que a moeda realizar através delas o estudo histórico.

Actos da vida dos povos, verdadeiras passagens da História do Mundo, que doutro modo passariam desprecebidos e condenados ao esquecimento, encontram-se perpetuados pelas medalhas e o facto histórico devidamente destacado pela composição.

Por outro lado, é de assinalar a sua elevada função artística e essa representa, por ventura, a sua principal característica, e o seu estimável valor.

Deve-se ao génio de um artista, na opinião de muitos autores o pintor italiano António Pisano, nascido em Verona em 1397, a origem da medalha.

Breve se desenvolveu o seu culto em todos os Países da Europa, tendo atingido a maior expansão na França, considerada como a verdadeira pátria das medalhas.

Em Portugal, nunca a cunhagem das medalhas atingiu grande esplendor.

Iniciada, ao que parece, no reinado de D. João IV com a célebre « CONCEIÇÃO », a medalhística portuguesa não teve ao seu serviço

artistas que lhe imprimissem uma riqueza de concepção comparável à doutros países.

Só mais tarde, com os trabalhos do escultor João da Silva, que a este ramo de arte se dedicou especialmente, a medalha adquire no nosso País real valor artístico.

A evolução, lenta, difícil, vai-se contudo operando, sendo de assinalar a renovação emprestada por Álvaro de Brée, espírito de rara sensibilidade artística e que imprime à medalha um sentido moderno de concepção.

Como resultado do interesse que esta « arte sintética », como já lhe têm chamado, vai merecendo aos nossos artistas, o certo é que Portugal pode hoje orgulhar-se de emitir medalhas que, em valor artístico, não receiam já o confronto com as de qualquer outra Nação.

De desejar é que o impulso que inegavelmente se tem operado nos últimos anos na cunhagem das medalhas seja acompanhado pelo interesse dos coleccionadores.

Porém, para que tal interesse desperte e se desenvolva, necessário me parece que sejam tomadas em conta as dificuldades já apontadas e que só por meio de protecção oficial poderão talvez ser atenuadas.

À Sociedade Portuguesa de Numismática cabe um largo papel de divulgação pelo gosto da medalha, elemento da maior valia do património artístico nacional.

Como base de todo o trabalho a realizar neste delicado campo, impõe-se como complemento da obra iniciada por Arthur Lamas, a elaboração do Catálogo das Medalhas Portuguesas, para o qual chamo a atenção de todos os membros desta Sociedade, na antecipada certeza de que em tudo estarão dispostos a colaborar para a desejada realização dessa obra.

**Comissão de Numismática e Sigilografia  
da  
Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Correspondendo gentilmente aos desejos e intenções que expressamos no n.º 3 de NVMMVS, em «Sugestões dos Associados da S. P. N.», e mesmo antes de lhe ter sido feita a solicitação oficial, dignou-se a Comissão de Numismática e Sigilografia da A. A. P. remeter-nos os estratos das sessões realizadas na sua sede. Deles daremos integral transcrição.

Recebido em 20-Fev.-1954.

Reuniu-se a Comissão de Numismática desta Instituição, à qual presidiu o Senhor Dr. EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES, secretariado pelo Senhor Major ISMAEL SPINOLA.

O Senhor Presidente fez uma comunicação sobre a medalha de cobre comemorativa da ida da Missão Portuguesa a Ceuta em 1920, cujo exemplar, bastante raro, mostrou.

O Senhor Major Spinola apresentou o seu parecer sobre o assunto há tempos em debate: *O que é numismata?*

Foram registadas algumas ofertas de exemplares de moedas para o Museu e recebidos alguns trabalhos ultimamente publicados pelo consócio Senhor Dr. Joaquim Fronteira.

Recebido em 24-Abril-1954.

A Comissão de Numismática e Sigilografia na sua última reunião, a que presidiu o Senhor Dr. Eduardo da Silva Neves e secretariou o Senhor Engenheiro Joaquim Ferraro Vaz, tratou de vastos assuntos e trabalhos ligados à sua actividade.

O Senhor Major Ismael Joaquim Spinola, solicitado, fez uma síntese dos estudos a que se tem dedicado, sob o título «A Numismática espelho das ideias filosóficas coetaneas».

No final, o Senhor Engenheiro Raul Couvreur deu informações acerca da cunhagem e da possível aquisição de uma medalha comemorativa da Exposição Numismática, integrada nas festas e comemorações do IV Centenário da Fundação da Cidade de S. Paulo.

O Senhor Presidente agradeceu ao Senhor Major Spinola a sua comunicação e ao Senhor Engenheiro Couvreur a informação ministrada.

# DADOS ESTATÍSTICOS DA CASA DA MOEDA

Pelos Serviços Administrativos deste Estabelecimento Fabril do Estado foram gentilmente enviadas à S. P. N. as seguintes indicações estatísticas do ano de 1953 referentes à cunhagem de moedas :

## MOEDA CONTINENTAL

Decreto-lei n.º 39.089, de 24-1-53

7.547.802 moedas de \$10 com a era de 1953

7.956.202 » » \$20 » » » » 1953

Decreto-lei n.º 38.278, de 1-6-53

2.369-009 moedas de \$50 com a era de 1953

## MOEDA ULTRAMARINA

### ANGOLA

Decreto n.º 38.695, de 22-3-52

5.019.190 moedas de \$50 com a era de 1953

1.011.190 » » 1\$00 » » » » 1953

6.000.190 » » 2\$50 » » » » 1953

### CABO VERDE

Decreto n.º 38.975, de 31-10-52

250.040 moedas de 1\$00 com a era de 1953

500.040 » » 2\$50 » » » » 1953

400.040 » » 10\$00 » » » » 1953

### MOÇAMBIQUE

Decreto n.º 38.609, de 21-1-1952

5.010.090 moedas de \$50 com a era de 1953

2.013.190 » » 1\$00 » » » » 1953

6.000.000 » » 2\$50 » » » » 1953



## NOVAS MEDALHAS

O merecimento de uma medalha reside, essencialmente, na qualidade artística do trabalho que contém, sendo o valor intrínseco do material constitutivo absolutamente secundário, apesar de adicionável. Como objecto de arte, peça ornamental ou de recordação, a sua criação implica necessariamente um certo simbolismo, que permita ao artista exprimir-se com a maior liberdade dentro de tão limitado campo de trabalho. Claro que este simbolismo não perturba ao de leve aquele realismo imposto pelo talento do gravador, cuja virtude reside muitas vezes, nessa aliança feliz.

Imprimir no reduzido espaço das medalhas o movimento escultórico dum grande monumento, dar-lhe a cor e os valores duma grande tela, conseguir que, num minúsculo círculo de metal, exista uma obra prima onde a emoção, o mistério e a delicadeza se harmonizem em suave espiritualidade ou em rasgada criação de génio, é o objectivo máximo a atingir, nesta encantadora « arte da gravura ». Pisanello, Pilon, Dupré, Warin, Briot, Cellini, Dubois, Dropry, Corbin e tantos outros, conseguiram de facto atingir culminâncias de beleza, nesta delicadíssima arte onde o escopro e o pincel se mesclam em expressivo poder de realização.

Até como documento iconográfico, a arte da medalha tem um excepcional valor, por ser a mais durável e por ser a que culmina todas as manifestações que se queiram perdurar.

Entre nós a medalhística nunca atingiu um grande valor artístico, viveu apenas como documentação histórica, fria, enfadonha, e raramente ultrapassou uma como que necessidade fotográfica, de acontecimentos palacianos, religiosos e raramente burgueses. As figuras plasmadas, sem vida, lembram as duma galeria de retratos, em corredor ou pátio de Misericórdia, figuras hieráticas, bem gravadas, muito parecidas, possivelmente, mas sem aquele sopro vivificador e fecundo, que mostra os merecimentos de um artista de combate, de engrandecimento humano, dum artista efectivamente criador.

É de facto uma arte difícil, especialíssima, cujos talentos, no nosso país, se revelam penosamente, através das maiores dificuldades de expansão, sem popularidade, e a que a nossa exígua exigência pública não presta qualquer ajuda.

Ainda hoje mesmo, em pleno século XX, no dealbar da era atómica, da energia nuclear, os medalheiros portugueses, rebuscam, como outrora, nos velhos e carcomidos caixotes dos antigos gravadores os cunhos ou punções velhíssimos, das estafadas e mitológicas imagens, panejadas com inverosímeis túnicas. E quando não são cópias dos originais, são medonhas estilizações, que confrangem, pela falta de carácter, de expressão e de delicadeza. Grosseiras alegorias cheias de preocupações de « cliché », ridículas pretensões de mesquinhas interpretações simplistas. E isto, apesar duma grande habilidade, duma extraordinária mestria, duma certa virtuosidade que, todavia, não supre as deficiências apontadas.

E as excepções por raras, fundem-se neste cadinho imenso do desinteresse, apagadas pelo volume incomensurável de tão vil metal.

O Brasil não tem oferecido, parece-nos, melhor panorama a esta « arte menor ». A gravura, ali, também não conseguiu o desenvolvimento da pintura e da escultura.

A um Zeferino Ferrez, a Girardet, italiano de nascimento, a Leopoldo Campos, Hilário Teixeira, Arlindo Bastos, Adalberto Matos, Lucília Ferreira, Hermínio Pereira, Alcides Joaquim e a tantos outros deve a medalhística brasileira alguns belos trabalhos, que demonstram capacidade e emoção artística.

Mas a arte da gravura de medalhas, no Brasil, ainda não encontrou, também, o seu verdadeiro meio de expressão e vive bastante afastada da « realidade brasileira ». Falta-lhe ainda um espírito observador de plástico, nos moldes de um Cândido Portinari ou de um Tarcila do Amaral.

Hoje « NUMMUS », graças à boa vontade do Ilustre Numismata português Ex.<sup>mo</sup> Sr. Engenheiro Raul Convreur, ilustra estas páginas, com a reprodução de uma medalha da Sociedade Numismática Brasileira, de acentuado mérito, nesta arte difícil e delicada, e que constitui sobremaneira uma excepção às regras que se traçaram.

Esta medalha, integrada nas comemorações do IV Centenário da Fundação da Cidade de S. Paulo, e alusiva à exposição Numismática que ali se realizará em 9 de Julho de 1954, foi emitida pela Sociedade Numismática Brasileira, sendo desenhada e gravada pelo seu Ilustre Pre-

sidente, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Álvaro da Veiga Coimbra que é também, como se vê, um artista plástico brasileiro de mérito. Toda a composição está impregnada dum grande equilíbrio e até as próprias legendas estão devidamente proporcionadas.

No anverso, o simbolismo heráldico da Sociedade Numismática Brasileira dispensa qualquer descrição, pelo realismo com que foi



tratado. No reverso, as armas da cidade e as de Portugal de antanho iluminam com o seu resplendor histórico as terras brasílicas, e os veneráveis pés do Santo que ali se vê a caminho da conversão.

Composição bastante decorativa cumpre fielmente a missão a que foi destinada.

ALEXANDRE FERREIRA BARROS.

# VIDA SOCIAL

SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA

## CORPOS SOCIAIS

para o biénio de 1954-55

### ASSEMBLEIA GERAL :

Presidente — Dr. José de Barros da Rocha Carneiro  
Secretários — Dr. Fernando Augusto de Barros Russell Cortez  
— Basílio Dias Gomes da Silva.

### DIRECÇÃO :

Presidente — Professor Dr. Damião António Peres  
Vice-Presidente — Coronel Mário Rodolfo Revisioni Ramires  
Secretário — Alexandre Ferreira Barros  
Tesoureiro — Frank Barrote  
Vogais — António da Silva Guimarães  
— Carlos Morais Peixoto Braga.

### CONSELHO FISCAL :

Presidente — Eduard Marius van der Niepoort  
Vogais — Eng.º Joaquim Ferraro Vaz  
— Eng.º-Aux. Manuel António de Azevedo.

### SÓCIOS EFECTIVOS :

- N.º 148 — António Alberto Jorge Lopes — Tesoureiro da Fazenda Pública (Boticas)  
» 149 — Cap. Elísio Guilherme de Azevedo — Oficial do Exército (Arco de Baúlhe)  
» 150 — Joaquim do Nascimento — Ajudante de Cartório Natorial (Espinho)  
» 151 — Eduardo José de Lacerda Pereira Machado — Arquitecto (Espinho)  
» 152 — Dr. Renato Berbert de Castro — Salvador — Baía (Brasil)  
» 153 — José Fernando Coelho de Moura — Arquitecto (Porto)  
» 154 — Major Ismael Joaquim Spinola — Oficial do Exército (Lisboa)

- » 155 — Jacinto Augusto da Silva — Industrial (Porto)
- » 156 — Manuel da Silva Félix — Empregado bancário (Aveiro)
- » 157 — Dr. Arlindo Lima de Magalhães Júnior — Licenciado em Letras (Porto).

RECTIFICAÇÃO:

— Na página 275 de NVMMVS n.º 4:

A profissão do associado n.º 143, Ex.º Sr. Silvério Fernandes Torres, é «protésico dentário».

SÓCIOS CORRESPONDENTES

- N.º 1-c — Dr. Jean Babelon — Conservador Chefe do Gab. de Medalhas da Biblioteca Nacional (Paris)
- » 2-c — Dr. D. Antonio Beltran Martinez — Catedrático (Zaragoza)
  - » 3-c — Dr. D. Luis Vasquez de Parga — Vice-Director do Museu Arqueológico Nacional (Madrid)
  - » 4-c — Dr. Friedrich Gerke — Mainz (Alemanha)
  - » 5-c — Dr. D. António Garcia y Bellido — Catedrático (Madrid)
  - » 6-c — Dr. D. Juan Maluquer de Motes — Catedrático (Salamanca)
  - » 7-c — Dr. D. Filipe Mateu J. Llopis — Catedrático e Bibliotecário (Barcelona)
  - » 8-c — Eng.º Wilhelm Reinhart (Falecido) — (San Sebastian)
  - » 9-c — Dr. Gustavo Barroso — Director do Museu Histórico Nacional (Copacabana) Brasil
  - » 10-c — D. Florentino Lopes A. Cuevillas — Secretário de Fazenda (Orense) Espanha
  - » 11-c — Paolo Verrone — Professor universitário (Torino) Itália
  - » 12-c — Dr. Hélmuth Schlunk (Madrid)
  - » 13-c — Dr. George C. Miles (Nova Iorque)
  - » 14-c — Dr. Plinio Fraccaro — Professor universitário (Pavia)
  - » 15-c — Dr. D. António Manuel de Guadan y Láscaris Comneno — Professor (Santander)
  - » 16-c — Dr. Nils Ludvig Rasmusson (Stockholm) Suécia
  - » 17-c — Dr.ª D. Conception Chicarro — Conservadora do Museu (Sevilha)
  - » 18-c — Dr. Alfred Schmid — Professor universitário (Friburg) Suíça
  - » 19-c — Dr. Artur de Magalhães Basto (Porto)

## MOEDAS NOVAS DE 10\$00 E 20\$00

Acabam de ser postas a circular no Continente duas novas moedas de prata — 10\$00 e 20\$00 — criadas pelo Decreto-lei 39.508 de Janeiro de 1954.

— A de 10\$00 é uma modificação das emitidas desde 1932 a 1948 e que agora estão em recolha até ao fim do ano de 1954. Modificação ligeira no anverso, com melhor recorte da caravela; modificação bastante pronunciada no reverso, onde figura com outro arranjo o escudo nacional sobreposto à esfera armilar, como interpretação da heráldica nacional, símbolo da comunidade portuguesa.

Modificação sensível no toque, no título da liga de prata, baixando para 680 ‰, muito próximo, portanto, do das actuais moedas de 2\$50 e 5\$00, que é, como se sabe, de 650 ‰.

Peso: — 12,5 gr., com tolerância de  $\pm 5$  ‰ Módulo: — 30 mm.

— A moeda de 20\$00 é um valor que aparece pela primeira vez na numária metropolitana portuguesa e surge com a dupla finalidade monetária e medalhística, podendo chamar-se medalha por uma das faces e moeda pela outra.

Pretende comemorar os 25 anos da Renovação financeira e do consequente Ressurgimento nacional, iniciados em 1928.

Na face medalha destaca-se uma figura feminina — O Estudo — como símbolo do trabalho intelectual do Estadista a quem essa Renovação e Ressurgimento são devidos.

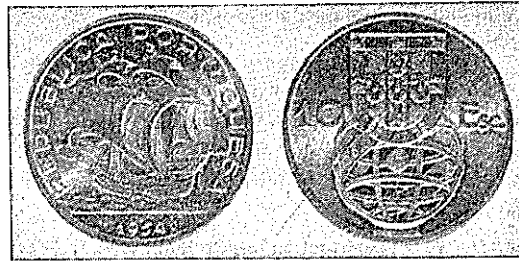
A face-moeda é semelhante ao reverso da nova moeda de 10\$00, contendo porém a legenda « REPÚBLICA PORTUGUESA » e a data 1953.



Tal facto origina um problema numismático: o de saber quais são o anv. e rev. deste numisma. Segundo certa teoria, logicamente fundamentada, anverso é a face em que figura a efígie do Soberano ou emblema da Nação; será neste caso aquela a que chamamos *face moeda*. (Note-se então o contraste com a moeda de 10\$00).

Por outro lado, se com tal numisma se quer comemorar um facto histórico, parece natural que a sua representação figure em lugar de honra. E neste caso teremos que o anverso será a *face medalha* (1).

(1) O mesmo acontece com a moeda de 10\$00 comemorativa da Batalha de Ourique.



O toque é de 800 0/00. Peso:—21,0 grs., com tolerância de  $\pm 5$  0/00. Módulo:—34 mm.

Esta moeda tem para os numismatas e coleccionadores a particularidade de ostentar uma era — a da comemoração — que não corresponde à do fabrico nem à do seu aparecimento na circulação, sendo anterior à destes, como o é também à do diploma legal que a criou. É mais um exemplo frisante de como as Estatísticas da Casa da Moeda se afastam daquilo a que chamamos a verdade numismática.

E podia evitar-se esta espécie de anomalia, usando o sistema espanhol de acrescentar, à semelhança de sinal oculto, uma segunda «era», — a da cunhagem — disfarçada entre os ornamentos da moeda.

Os dois numismatas recentemente criados, cuja arte concepional é devida a Mestre João da Silva, trazem mais uma novidade — que o é apenas para o grande público, diga-se de passagem — a qual tem dado azo a comentários e gracejos; é a da relação da posição das faces, tornando-as moedas de *eixo horizontal*.

Todos os coleccionadores sabem que isso se tem já verificado variadas vezes na numária portuguesa.

O decreto-lei acima referido estabeleceu a cunhagem das seguintes quantidades de moedas de prata:

95.000 de	10\$00
1:000.000 »	20\$00

A moeda de 20\$00 tem tido uma procura extraordinária, desaparecendo completamente da circulação após estes primeiros dias do seu giro oficial.

M. R.

## GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA

Num dos últimos fascículos da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, atribui-se a iniciativa da criação da Sociedade Portuguesa de Numismática a dois nossos confrades, quando, de facto, ela se deve a outros sócios fundadores. O assunto, em si, não tem grande interesse, tanto mais que a história da fundação deste organismo está devidamente registada em actas da Assembleia Geral. Entretanto, porque aqueles dois senhores exigem a rectificação, fica aqui desfeito o engano, devido possivelmente, a má interpretação na correspondência trocada com o noticiarista da Enciclopédia.

A. F. B.

## NOTICIÁRIO

### CARTÕES DE IDENTIDADE

Vão ser distribuídos os cartões de identidade dos sócios efectivos e correspondentes de S. P. N.. Roga-se aos srs. associados que ainda o não fizeram, o favor de nos remeterem duas fotografias, tipo passe, para figurarem respectivamente no referido cartão e no ficheiro legal da Sociedade.

#### « A PERMUTA »

Vai seguir para a Tipografia o material destinado ao n.º 4 desta publicação, havendo por isso necessidade de não serem demorados os envios de colaboração e anúncios.

### ACHADOS NUMISMÁTICOS

Tem chegado à Direcção da S. P. N. variadas comunicações de achados de moedas antigas, subscritas por associados e não associados. A todos se agradece o cuidado e atenção.

#### CATÁLOGOS DE VENDA DE MOEDAS RECEBIDOS NA S. P. N.

- *Collezione Gia del Prof. Angelo Signorelli — III Parte*, de P. & P. Santamaria — Roma.
- *Catálogo di Monete per Collezioni* — Oscar Rinaldi & Figlio — Casteldario, Mantova — Italia.  
N.ºs de Gennaio, Febbraio e Marzo-Aprile 1954.
- *Numismática* — Giuseppe de Falco — Napoli.  
Listino n.º 24 — Marzo 1954.
- *Nonete e Medaglie* — Prof. Luigi de Nicola — Roma.  
N.º 1 — Aprile 1954.
- *Catálogo di Monete Antiche* — R. Barzan & Rag. M. Raviola — Turino — Italia.  
N.º 1 — Gennaio e N.º 2 — Marzo de 1954.
- *Monnais de Collection* — P. Ciani — Paris — Fevrier 1954.
- *Catálogo* — Adolph Hess — Luzern — Suisse — Abril 1954.
- *Dollars of the world* — Hans M. F. Schulman — New-York — List 44.
- *Munten Penningen* — Jacques Schulman — Amsterdam.

#### CAPAS PARA «NVMMVS»

A S. P. N. encarrega-se de fornecimento de capas para o I Volume deste Boletim e bem assim do seu empaste.

Preços: Capas 40\$00; Empaste, 10\$00.

### OBITUÁRIO

#### RECTIFICAÇÃO:

— Na pág. 214 de NVMMVS n.º 3 e gravuras entre págs. 278-279 de NVMMVS n.º 4:

A data do falecimento do nosso saudoso consócio, Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Rodrigues de Araújo Lima, é 13-V-1953.



## BIBLIOTECA DA S. P. N.

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Ofertas dos autores:

De J. FERRARO VAZ:

- *Catálogo das moedas portuguesas* — Portugal continental — 1640-1948.
- *Os morabitinos à luz de uma nova investigação e de um novo achado.*  
Separata do Vol. VI de «Arqueologia e História» — Lisboa 1951.
- *Moedas de ouro carimbadas na época de D. João IV.*  
Separata do Fasc. 3-4 do Vol. LIX da «Revista de Guimarães».

De ADRIANO VASCO RODRIGUES:

- *A Catedral da Guarda na História e na Poesia.*

De D. ENRIQUE VINCKE:

- *Apuntes sobre la lectura de várias leyendas en monedas celtíberas* — Palamos 1953.

De C. FERNANDEZ-CHICARRO:

- *Museografia* — Madrid, 1952.

Ofertas de Entidades:

Da CASA DA MOEDA, DE LISBOA:

- *Regimento que S. Magestade que Deos Guarde manda observar na Casa da Moeda* — Lisboa 1687 (1930).
- *Treslado do Regimento de S. Magestade para se marcarem os tostois & meos tostois velhos & moedas de quatro vinteis & de dous vinteis portugueses* — Lisboa 1932.
- *Apontamentos para a História da Moeda em Portugal* — 1878.
- *Colecção de documentos relativos aos moedeiros* — (I a XXXVIII) 1362-1525.
- *Colecção de documentos da Casa da Moeda* — (I a CVLIX) 1518-1522.

Ofertas de Particulares:

De EDUARD MARIUS V. D. NIEPOORT:

- *Equivalência das moedas nos povos selvagens segundo os escritores portugueses*, por Manuel Figueiredo dos Santos Gil.
- *Catálogo dos livros, estampas e moedas que pertenceram ao Dr. Augusto Felipe Simões.*

De CARLOS M. P. BRAGA:

- *Catálogo das moedas portuguesas do Museu Municipal do Porto* — Tomo I e II, pelo Dr. Damião Peres.
- *Catálogo das moedas indo-portuguesas do Museu Municipal do Porto*, pelo Dr. Damião Peres.